



FLACSO
2022

ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS DE UNIVERSITÁRIOS/AS DE CLASSE MÉDIA EM UM BRASIL CONSERVADOR: LUTA POR DISTINÇÃO, ENTITLEMENT E REPRODUÇÃO SOCIAL.

Dr. Ricardo Boklis Golbspan

Universidade Federal de Pelotas

Dr. Álvaro Moreira Hypolito

Universidade Federal de Pelotas

Eje temático 04: Educación, innovación, ciencia y tecnología.

V Congreso Latinoamericano y Caribeño de Ciencias Sociales. *“Democracia, justicia e igualdad”*

FLACSO URUGUAY. www.flacso.edu.uy. Teléf.: 598 2481 745. Email: secretaria@flacso.edu.uy



Resumo

Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa em andamento a respeito das estratégias educacionais de jovens de classe média no Brasil. O objetivo é examinar como os percursos formativos destes/as estudantes relacionam-se com o avanço da “Nova Direita” na política educacional brasileira. O artigo dedica-se à pesquisa das classes médias na educação, tema considerado “lacunar”, ainda que se trate de um estrato decisivo na reprodução das desigualdades educacionais e sociais. Teoricamente, o trabalho leva em conta que a aliança conservadora da “Nova Direita” é composta por quatro grupos: neoliberais, neoconservadores, populistas autoritários e a classe média, constituindo-se como um bloco hegemônico. Deste modo, o texto explora como as estratégias educacionais da classe média articulam-se às pautas dos demais grupos da “Nova Direita”. Metodologicamente, o trabalho se utiliza de uma etnografia longitudinal: após a realização de observação participante e entrevistas com uma turma de segunda série do ensino médio de uma escola privilegiada em um centro urbano brasileiro, em 2018, agora são realizadas entrevistas, em 2022, com os/as mesmos/as jovens, sobre como realizam a transição da escola para a universidade e como imaginam seu futuro no mundo do trabalho. Os dados estão sendo, neste momento, organizados, em diálogo com a literatura a respeito do avanço neoliberal e neoconservador na educação. Quanto aos resultados preliminares, destaca-se o que chamamos na pesquisa de entitlement de classe: os investimentos educacionais são instrumentos distintivos, incorporados como “direitos naturais”, a eles/as devidos/as – como as vagas na universidade, o tempo para estudo e os recursos materiais para a permanência com qualidade. Discute-se, assim, como estas estratégias articulam-se com políticas educacionais hegemônicas, sob uma perspectiva meritocrática e exclusiva da educação, reforçando desigualdades de classe, raça e gênero, dentre outras.

Palabras clave: Classe Média, Nova Direita, Estratégias Educativas, Juventudes, Conservadorismo.



1. INTRODUÇÃO, OBJETIVO E JUSTIFICATIVA

Este trabalho apresenta parte de resultados de uma investigação sobre como uma turma de jovens faz sua transição da escola de classe média para a universidade em uma grande área urbana brasileira, em um cenário de avanço conservador na educação. A pesquisa em educação tem se debruçado, a partir de uma diversidade de abordagens, sobre as desigualdades educacionais do ponto de vista de classe (APPLE, 2000). Ainda assim, poucas são as investigações que analisam estas dinâmicas a partir do ponto de vista dos jovens estudantes – a quem as escolas, afinal, atendem (SPOSITO, 2013). Especialmente, esta lacuna de investigações a partir de jovens se acentua considerando o caso do sucesso educacional da classe média brasileira, cuja análise é insuficientemente disseminada apesar de sua centralidade para a legitimação e reprodução da desigualdade social (NOGUEIRA, 2013). Nesta proposta, se prioriza a conexão das análises de classe e de juventude no contexto das trajetórias educacionais desde a escola à universidade, sugerindo-se a importância de um desenvolvimento de estudos sobre a educação de classe média, particularmente a partir da experiência de estudantes jovens. Sposito (2013) é uma das autoras que tem insistido que as pesquisas educacionais, mesmo em sua diversidade, se atenham aos processos de tensão em torno da reprodução social, tomando estudantes jovens como protagonistas (SPOSITO, 2013). Na tradição da pesquisa educacional há, afinal, uma dificuldade em se assimilar o potencial da pesquisa sobre a relação da escola com a sociedade a partir da agência dos alunos e das alunas. Esta necessária nova perspectiva sobre a centralidade do aluno e da aluna, reclamada por Sposito (2013), ainda que permaneça atual, com efeito já não é tão nova: foi defendida por Gimeno (2005), que, refletindo sobre a história do termo, indicou que “o aluno é uma construção social inventada



FLACSO 2022

pelos adultos ao longo da experiência histórica, porque são os adultos [...] que têm o poder de organizar a vida dos não-adultos” (GIMENO, 2005, p.11). O presente trabalho propõe, assim, uma contribuição ao projeto coletivo de pesquisa educacional ao dedicar uma atenção à agência destes “sujeitos receptores”. Mas, como sujeitos, jovens estudantes são também atravessados por outros pertencimentos, como é o caso da posição de classe. Propomos, neste projeto, que há uma

particularidade em sujeitos que compartilham ainda outra condição fundamental: classe social.

Classe social, historicamente, nos estudos educacionais críticos, foi posicionada como um conceito chave (MITRULIS, 1983). A partir dos anos 1990, um novo corpo de pesquisa, à luz de correntes pós-estruturalistas, pós-críticas ou pós-marxistas, passou a problematizar a mobilização tida como “estruturalista” da categoria de classe social, desestabilizando o aparato marxista, o aparato bourdieusiano e o aparato weberiano, por exemplo. Desta maneira, apontada como determinista ou reducionista, a estrutura de classes foi sendo gradativamente localizada como incapaz de explicar satisfatoriamente os modos como as pessoas agem e pensam, e os defensores da perspectiva de classes passam a ser posicionados como conservadores diante de um novo desdobramento teórico (SAVAGE, 2011).

A classe não cumpre mais um papel nos discursos diagnósticos sobre as sociedades modernas avançadas. Tornou-se até elegante fazer diagnósticos críticos das sociedades modernas além e contra o discurso em termos de classe. A queda dos regimes comunistas e a ascensão do nacionalismo deram um ímpeto adicional a argumentos em favor da obsolescência da análise de classe para as sociedades modernas. A classe tem a ver com a sociedade industrial e suas ideologias, e como essas sociedades e suas ideologias não mais existem, deveríamos nos livrar das velhas concepções e ferramentas analíticas usadas para entender a sociedade moderna. (EDER, 2001, p.5).



FLACSO 2022

O debate de classes apresenta-se ainda mais delicado se o escopo são as “polêmicas” (SALATA, 2016) classes médias. No sentido de pensar a articulação das desigualdades sociais com a vida de jovens em sua trajetória educacional, investigar as classes médias importa porque, como a profícua, mas insuficientemente difundida, pesquisa do tema indica, as camadas intermediárias ocupam uma posição única nesta relação, em comparação às elites e às classes populares. As classes médias, em virtude de sua situação intermediária, são constrangidas pela possibilidade constante tanto de ascensão como de declínio social, especialmente em tempos de intensificação de competição na educação (BALL, 2003). Esta situação de risco leva esses grupos justamente a “tirar proveito dos recursos (culturais e econômicos) que possuem em prol da escolaridade de seus filhos” (NOGUEIRA, 2013, p. 283). Quem precisa – em contraposição às elites – e quem pode – em contraposição às classes populares – integrar a educação como elemento central de estratégia de reprodução é, precisamente, a classe média (DUBET; MARTUCCELLI, 1996; BALL, 2003).

Pesquisar a educação da classe média, partindo da perspectiva de jovens em transição da escola à universidade, aparece, portanto, como uma perspectiva potente, ainda que pouco explorada, de compreendermos e, deste modo, interrompermos as desigualdades na educação. Neste sentido, um recorte teórico que oriente a posição da classe média na atual “aliança conservadora” da Nova Direita (APPLE, 2000) no Brasil é fundamental em termos de localização conjuntural desta situação. A seguir, nos dedicamos a este enquadramento. Então, na sequência, apontamos os referenciais metodológicos da pesquisa; logo, discutimos alguns dados e os analisamos à luz dos conceitos trabalhados, apresentando, assim, os resultados da pesquisa e as considerações finais.



2. MAPEANDO A “NOVA DIREITA” E SUA RELAÇÃO COM A CLASSE MÉDIA

Apple (2000), pensando o caso estadunidense, acompanhou a consolidação de um bloco hegemônico a partir do que denominou uma “modernização conservadora” ou “Nova Direita”. Este bloco hegemônico, para Apple, é caracterizado por uma aliança entre quatro grupos: os neoliberais, os neoconservadores, os populistas autoritários e a nova classe média profissional.

Os neoliberais constituem a liderança da modernização conservadora e fornecem a orientação político-econômica submetida ao mercado e à privatização como doutrina desta aliança. Estão comprometidos com os interesses das elites econômicas, argumentam em favor de um Estado fraco na economia, em nome de desregulamentação, mas paradoxalmente estão interessados em colonizar o Estado e o senso comum com novas regulações, como exemplificam alguns de seus projetos que se disseminam na educação: as escolas charter, os vouchers e a privatização do material escolar.

Os neoconservadores são aqueles que produzem discursivamente um passado glorioso, propondo uma tradição seletiva de forma a blindar tanto outras memórias identitárias como outras possibilidades de novas interrogações e proposições sociais. Defendem que a escola deve prover disciplina rígida, conhecimentos “apolíticos” e comuns, patriotismo, monoculturalismo branco, entre outras ideias que recuperem seus “bons” valores culturais. Os populistas autoritários são, em geral, compostos de frações da classe trabalhadora que estão preocupadas com a sua sobrevivência econômica e por isso se abrigam em fundamentalismo cristão, disputando a educação com base em moralidade bíblica que prega a definição estrita de papéis de gênero, de sexualidade e de família.



FLACSO 2022

Por fim, o grupo para Apple (2000) constituído pela nova classe média profissional está preocupado centralmente com sua própria mobilidade social, de modo que se conecta com as práticas de reprodução social e cultural, ainda que segmentos das classes médias possam não concordar totalmente com os valores dos demais grupos da Nova Direita. Principalmente, se articulam às lógicas individualista e competitiva promovida pelos neoliberais, engajando-se nas escolas em busca de qualidade, eficiência e produtividade para o acúmulo de capital social e cultural de seus herdeiros. A partir destes quatro grupos, Apple (2000) identifica não uma mera imposição ideológica das elites, mas a hegemonia como um projeto disputado, recheado de articulações provisórias e, em outras contingências, contraditórias.

Assim, há um processo constante de convencimento por parte de setores do bloco hegemônico de forma a relacionar seus interesses com elementos do senso comum, como é o caso dos neoliberais, que são capazes de converter seu discurso sobre a liberdade e o mercado como o único legítimo ou razoável para se referir aos anseios da classe média quanto a sua luta por uma condição social mais segura (APPLE, 2000). Os neoconservadores e populistas autoritários, ao seu modo, também têm apresentado uma capacidade articulatória a setores da classe média e às crenças neoliberais, como é o caso do seu papel central na reprodução da “supremacia branca” (LEONARDO, 2011), insistindo em associações do racismo estrutural com uma diversidade de iniciativas políticas. Exemplos destes esforços têm sido as estratégias segregacionistas no acesso escolar em termos de classe e raça (LADSON-BILLINGS, 2011), os ataques aos conhecimentos populares como mero “folclore” (APPLE, 2000) e a “tradição seletiva” em currículos das mais diversas disciplinas que acriticamente reificam a perspectiva eurocêntrica dos saberes escolares (APPLE, 2000). Estas, dentre outras estratégias, compõem pautas que podem ser conectadas mesmo a interesses de pessoas de classe média que não se veem como racistas ou classistas.



FLACSO 2022

No caso do Brasil, aliás, também está ocorrendo um processo de modernização conservadora (GANDIN; HYPOLITO, 2003; LIMA; HYPOLITO, 2019). No entanto, por mais que se possa utilizar esta chave analítica da Nova Direita para pensar nosso país, “os grupos que constituem essa coalizão apresentam características e condições específicas que devem ser consideradas” (GANDIN, HYPOLITO, 2003, p. 69). Para Gandin e Hypolito (2003), a liderança da Nova Direita brasileira igualmente esteve nas últimas décadas com os neoliberais, que possuem posições chave na administração pública e em setores privados de influência política e econômica, organizando processos de privatização da educação e introduzindo o discurso de mercado nas escolas. Lima e Hypolito (2019) indicaram recentemente o crescimento dos neoconservadores em nosso contexto, expressivo se comparado às décadas passadas, e apresentando modos de operar também próprios ao Brasil em relação ao caso estadunidense. Além disso, até poucos anos, no Brasil, seria impensável posicionar fundamentalistas religiosos como membros importantes de uma liderança hegemônica, mas atualmente a denominada “Bancada da Bíblia” é uma das mais influentes no Congresso Nacional¹.

Para Gandin e Hypolito (2003), frações de classes médias também se aproximam do bloco hegemônico brasileiro de maneira singular no caso da educação, pois em nosso cenário se envolvem com as escolas privadas – não necessariamente por um princípio neoliberal, mas pelas condições estruturais precarizadas das escolas públicas. A preocupação destes grupos seria pelo acúmulo de “qualificações” e “eficiência”, de acordo com seus projetos familiares (GANDIN; HYPOLITO, 2003), o que pode se refletir tanto em frações mais conservadoras, que buscam escolas religiosas ou com ensino de saberes clássicos como o latim, como em frações mais progressistas, que visam ao ambiente dialógico, ao construtivismo ou ao pensamento crítico (GANDIN; HYPOLITO, 2003).



FLACSO 2022

Neste ponto, o estudo da educação de classe média experimentada concretamente, em conexão com este panorama de maior nível de abstração, implica levar em conta esta teoria macrossocial sem perder o enfoque no detalhe. A educação de jovens de classe média é aqui interpretada a partir de seus próprios referenciais, porém não de maneira isolada, mas em articulação à potente tradição teórica crítica e sua perspectiva sobre as relações de poder na sociedade. A metodologia, conforme item a seguir, procura contribuir justamente na direção de construir esta articulação.

3. METODOLOGIA: ETNOGRAFIA LONGITUDINAL

Já foi realizado trabalho etnográfico previamente, com observação participante ostensiva por 2 meses todos os dias junto a jovens de classe média ainda no Ensino Médio. Além disso, o material coletado envolveu entrevistas com estudantes e professores/as, grupos de discussão, análises de documentos da escola e a análise de diários que os/as alunos/as escreveram sobre sua vida na escola. É a partir deste material e das análises já realizadas que a presente pesquisa se inicia. A partir de uma coleta e de uma análise de dados etnográfica, a produção, por parte de estudantes, de significados para a experiência escolar em um ambiente de privilégio pôde apresentar alguns resultados, sobretudo quando postas em diálogo com a produção nos últimos anos (GOLBSPAN, 2020). Nosso argumento para sustentar metodologicamente a presente proposta, porém, aponta para o fato de que há ainda muito a se investigar e aprender, a partir do ponto de vista destes jovens, sobre a relação da escola e do privilégio. Especialmente, partindo de um trabalho já sedimentado, mas imergindo em novos ambientes e momentos educacionais, propõe-se ampliar o horizonte



FLACSO 2022

para agregar, também, a transição para a universidade e a perspectiva do mundo do trabalho.

Tendo como ponto de partida esta imaginação etnográfica, esta pesquisa posiciona o processo de educação detalhadamente e em nível micro, mas longitudinalmente, em uma amplitude temporal de grande extensão. A cultura da turma da escola, nesta perspectiva, segue unindo esses/as estudantes, ainda que passem a habitar novos espaços sociais educativos. Dentre algumas das estratégias de coleta de dados estão as observações da rotina de jovens através de shadowing (acompanhá-los em todas as atividades do início ao fim de alguns dias), entrevistas individuais com os jovens e individuais com as famílias sobre a relação escola, universidade, futuro e trabalho, e grupos de discussão com alunos e familiares. Assim, a proposta foi seguir o maior número possível dos 27 jovens que vêm sendo investigados, agora em sua transição para a universidade. Compreender os desdobramentos sociais deste processo educacional da escola à universidade, à luz dos referenciais desses sujeitos, e também à luz das teorias de (re)produção social na educação, em sua intersecção com dinâmicas de classe, raça e colonialidade, é o que propõe a metodologia e a perspectiva teórica aqui desenhadas. A seguir, nos dedicamos a apresentar e discutir algumas falas de 3 dos/as 8 alunos e alunas já entrevistados/as individualmente a respeito de sua transição da escola de classe média para a vida na universidade.

4. DISCUSSÃO

A primeira fala que destacamos é do jovem Ique, branco, 20 anos, egresso da turma de uma escola privilegiada anteriormente já pesquisada, que trabalha em uma cafeteria como barista e é estudante do curso de Psicologia na Universidade Federal da cidade em que ocorre a pesquisa. No ano em



FLACSO 2022

que concluiu o Ensino Médio, fora aprovado para cursar Ciências Sociais na mesma Universidade e Psicologia na Universidade Católica da cidade (universidade privada). Não se inscreveu em Ciências Sociais, cursou um período de Psicologia na Universidade Católica, até passar no vestibular da Universidade Federal em seu curso preferido. Ique rememora, no trecho selecionado, suas escolhas para a transição da escola à Universidade:

Ique: ...como tem muito um fator de medo de não dar certo, tu vais na paixão de também pensar a questão de dinheiro, enfim. Acho que tem mais fatores externos a ti assim, do que um pensamento tão lógico.

Pergunta: Como tu achas que chegaste em Psicologia? Ou como a Psicologia apareceu? Pergunto porque tu vens falando na Filosofia e passaste também nas Sociais. Por que a psicologia?

Ique: Pois é, eu “botei” [Psicologia] na Católica [no formulário de inscrição do vestibular], eu percebi que eu sentia uma conexão. Meus interesses, muitos, fechavam com ideias que são psicológicas. [...] Eu pensava em questões que a Psicologia talvez me desse boas respostas... eu comecei a pensar isso e “botei” [Psicologia] na Católica. Quando eu passei nas duas [também passou em Ciências Sociais na Universidade Federal] eu comecei a pensar somente de forma pragmática: “qual vai me dar um futuro melhor?” E eu vi a Psicologia mais interessante, tanto de forma de eu passar o curso inteiro estudando quanto no que eu quero atuar. A Psicologia é mais ampla que Sociais nas formas de atuação. E, depois que eu comecei, eu gostei, vi que faz sentido para mim, vale a pena eu seguir o caminho.

Pergunta: Tu falaste sobre a decisão ser perpassada por um certo pragmatismo, o que me leva a pensar na relação da educação



FLACSO 2022

com uma perspectiva de futuro, um futuro melhor. Como seria este futuro melhor?

Ique: Quando falo disso, falo muito de uma questão de dinheiro. Sobre ter medo de não conquistar uma independência financeira, medo de não conseguir me sustentar, ter uma fonte de renda estável para tocar minha vida. E acho que este medo dita muito das minhas decisões. Acho que é uma coisa

Cabe aqui ressaltar, em primeira instância, a realidade de desigualdade estrutural na educação brasileira para refletir a respeito de uma das dimensões analíticas possíveis desta fala de Ique, considerando o objetivo de compreender a transição de jovens de classe média para a Universidade. Partindo do diagnóstico solidificado no campo da pesquisa educacional brasileira de uma distribuição desigual por classe social de recursos e condições de escolarização e acesso em níveis de Ensino Médio e Ensino Superior, é possível identificar o privilégio não apenas na estrutura material que Ique pode acessar (escola privilegiada e o pressuposto transporte, alimentação, material escolar, por exemplo), mas também naquilo que Skeggs (2002) chamou de *entitlement* de classe. Para ela, compreender tal sentimento de *entitlement* pode ser uma forma de compreender como experiências individuais podem ser articuladas a regularidades econômicas. Ao descrever sua experiência, como mulher de classe popular, de acessar a universidade, a autora explica como se constitui este sentimento entre as classes médias:

Se eu não tivesse ido à universidade, não teria conhecido tanto sobre a classe média (a não ser via representações). Minhas redes de contato simplesmente não os incluía (devido a fatores geográficos, educacionais e culturais). Na universidade, eu aprendi sobre o poder das redes de contato da classe média. Muitas das pessoas que conheci não precisam se candidatar a empregos; independente do que fizessem, seus futuros estariam assegurados. A maioria tinha acesso a empregos lucrativos em um mercado de trabalho do qual eu ainda era excluída. Aprendi



FLACSO 2022

o que significava, para certas pessoas, não precisar se preocupar com dinheiro. Conheci aqueles cuja confiança em si mesmos parecia absoluta e aqueles que não tinham dúvidas de que sua cultura e sua política estavam certas. Conheci aqueles cujas “estruturas de sentimentos” não eram baseadas nas políticas emocionais da ansiedade e da dúvida, mas naquelas da segurança e da confiança. Foi este meu posicionamento íntimo com “outros” que me permitiu ver diferenças e sentir a desigualdade. Pessoas de classe média podem operar com um sentimento de entitlement para recompensas sociais e econômicas que estão além da compreensão da classe trabalhadora, para quem limitação e constrangimento moldam a movimentação social. Meu acesso à classe média permitiu-me construir ferramentas inteiramente diferentes para entender minha posição no espaço social: as possibilidades se abriram e eu tentei começar a construir entitlements. Foi a partir desse momento que eu comecei a ter problemas com minha família e meus amigos de classe trabalhadora, que viram minha adoção de disposições de classe média como sinais de arrogância ou de ter pretensões. (SKEGGS, 2002, p. 136-137).²

Este é um sentimento de confiança tácita, de que alguém está autorizado a ir ao encontro do que sente como correto, pois se o fizer tudo acabará bem. Este tipo de propensão se viabiliza porque as condições estruturais para se viver em sociedade aparecem para pessoas de classe média como asseguradas de antemão por um acúmulo de diferentes capitais que, por mais que incomparáveis ao caso da elite, impede que a posse de uma série de privilégios seja imaginada como ameaçada. As pretensões que muitos jovens de classe média, como Ique, desenham, assim, para seu futuro, em primeira instância manifestam a confiança de que merecem as condições estruturais que os afastam de qualquer possibilidade de desclassificação social. Saber que não passará fome, que poderá estudar, por exemplo, são privilégio no Brasil. Isto se observa repetidamente na forma como Ique pensa sua vida acadêmica, que toma como assegurada, mas que mesmo assim ainda tem de ser trabalhada em termos de 1) articulação aos seus interesses e desejos, que são entendidos como dignos de mobilização



FLACSO 2022

(diferentemente do que acontece recorrentemente para jovens populares); 2) e a recompensas econômicas, que viabilizam seu “estilo de vida” (BOURDIEU, 2013), e que precisam ser garantidas.

Este privilégio de classe média, com suas manifestações materiais e subjetivas, é sinalizado na fala do jovem. Vale apontar aqui, porém, que este privilégio é relativo, diferente do que é experimentado pelas elites – para quem as estratégias educacionais distintivas pesam menos (NOGUEIRA, 2013; BALL, 2003). Há trabalho constante e mobilização de recursos emocionais e materiais de famílias de classe média, como aponta Ique, no sentido não necessariamente de promoção social, mas de evitar um declínio social. É neste sentido que o acesso à educação superior de qualidade se apresenta como um recurso distintivo fundamental. Ademais, nesse processo altamente competitivo (NOGUEIRA, 2013), marcas na “estrutura de sentimento” (WILLIAMS, 1979) de Ique são perceptíveis. O uso do termo “medo” é recorrente em suas falas, indicando o cálculo frio e as renúncias que suas estratégias de mobilidade demandam: “este medo dita muito das minhas decisões”.

Em uma segunda instância, enfim, importa articular este privilégio relativo da classe média com os movimentos mais amplos de avanço da aliança conservadora na educação brasileira. Em um cenário de critérios neoliberais mercadológicos, individualizantes e competitivos para a educação, as estratégias de classe média são alinhadas a esta tendência, na medida em que o “medo” da desclassificação social apresenta-se saturando as possibilidades vislumbradas como razoáveis para lutar pela educação. Ique, mobilizando elementos de bom senso, investe em sua trajetória escolar individual, experimentando na prática os valores propalados pela Nova Direita. Valores neoconservadores, como o medo do “outro”, o pânico moral, a luta por um passado “idílico” conservador em que todos sabiam seu lugar, podem também encontrar terreno diante dos terrores desta performatividade competitiva para boa parte da classe média.



FLACSO 2022

Neste ponto, é possível acrescentar aqui a fala de Isa, uma jovem branca de mesma idade, ex- colega de escola de Ique, que também está na Universidade Federal, mas cursando Engenharia:

Isa: Acho que eles querem que eu seja independente. Segura financeiramente e... eles não querem que eu odeie meu trabalho. [...] Isso é uma coisa que eu quero, mas que provavelmente vem deles: eu fui criada num padrão muito alto e quero manter o padrão. Porque eu sou uma princesa e não quero deixar de ser uma princesa. Ser uma princesa é legal, quem não vai querer ser uma princesa? Mas é isso, sei lá, eles são muito “suave” até, mas vai se formar na faculdade, vai conseguir um emprego. Vai fazer alguma coisa. Não tem essa coisa “vai ser médica”, “vai ser isso, aquilo”.

[...]

Pergunta: Teu pai não quis que vocês [Isa e o irmão] fizessem medicina [pai é medico]?

Isa: Ele não quis, ele também não quis e foi forçado pelos pais. Tipo, ele quer que a gente faça o que quiser. É fofo porque ele acredita muito no meu potencial, muito. Tipo assim: “não, Isa, porque se tu estudasses direitinho que nem o Tiago [colega estudioso da escola], medicina na Federal tranquilo”. Ele uma época: “tu gostas de cinema né? Então faz Cinema!” Ele acredita muito no meu potencial, achava que eu ia ser o Spielberg. É fofo, mas ele só quer que eu faça alguma coisa. [...] Eu não quis ir pro cinema porque... tá, agora na faculdade é difícil, [cálculo] integral é muito difícil eu eu não sei estudar muito bem. Claro, fora o fato de eu ter que ser Uber nos primeiros anos [depois de formada, em tom irônico], vai ser um futuro relativamente fácil. Agora cinema, coisa mais assim, a chance de eu me dar muito



FLACSO 2022

bem é 0,1%. Não quero acabar em um emprego... não sou muito otimista. [...] Tô num grupo de amigas que é tipo “tem que fazer o que ama”, elas fazem Ciências Sociais, “faz o que tu ama”. Não amo nada, gosto de não ter obrigação. Já que não gosto de nada, deixa eu fazer algo que me deixe mais segura. E eu não odeio, sabe? [...] Se for horrível, eu vou trocar, mas provavelmente dentro da Engenharia ou parecido. [...]

As falas de Isa dão sustentação às indicações já apontadas por Ique quanto à necessidade de cuidadosos cálculos de investimento educacional para a mobilidade social de classe média. A importância da estabilidade, “segurança” econômica, aparece como a primeira questão para os pais e para a própria jovem, em conformidade com a irônica, mas precisa definição de Ball (2003, p.4, tradução nossa):

Para a classe média, este é o melhor e o pior dos tempos; um tempo de afluência e risco, oportunidade e contingenciamento, celebração e ansiedade. Como sempre, por definição esta é uma entre-classes, uma classe cercada de contradições e incertezas. Como Ehrenreich coloca, “se isso é uma elite, então é uma elite insegura e profundamente ansiosa”. Roberts (2001) faz eco sugerindo que “a classe média de hoje em dia é mais ansiosa do que complacente e confortável”.

É importante reforçar, portanto, que, junto com estar envolta em privilégios (como a certeza de Isa de jamais fazer Uber revela), a classe média experimenta instabilidade econômica e emocional diante do esquema distintivo educacional. Esta estrutura de sentimento, aliás, ressoa na prática subjetiva a hegemonia neoliberal e neoconservadora objetiva. Ainda que possa haver leitura crítica por parte de seus membros, a classe média enfrenta angústias justificadas e, como as falas de Isa ressaltam, o modo como estes problemas e desafios são significados se dão no interior da gramática da Nova Direita: a educação e a realização são desafios individuais.



FLACSO 2022

O esforço e a competição são subentendidos como parte do processo, que precisam, portanto, ser encarados. O que se gosta, também, entra como uma forma de privilégio, de poder “escolher” seu próprio caminho. Ainda assim, Isa se mostra relutante com isso em sua segunda fala, por exemplo, lembrando que, mais do que gostar do trabalho, quer se sentir “segura”, diante do mesmo medo que Ique já apontara. Soa distante dos problemas concretos, porém, imaginar e agir segundo uma lógica mais coletiva, de luta por condições dignas de escolarização e trabalho para todos/as, na medida em que os anseios e necessidades individuais são as pautas sentidas como efetivamente vitais na narrativa de Isa, conforme também já aparecera em Ique.

Vejamos, ainda, a regularidade desta perspectiva em Fábio, um jovem branco de mesma idade, ex-colega de escola de Ique e Isa:

Pergunta: O que você quer fazer da vida?

Fábio: Eu ainda estou num processo de descoberta, ainda não sei muito bem. Tanto que quero explorar outras áreas do Direito [faz Direito na Universidade Federal e estagia na Defensoria Pública da União], mais coisas de Filosofia que me interessa. Um meio termo, uma parte focada no Direito e outra dar aulas, fazer doutorado [em Filosofia] [...].

Pergunta: Doutorado termina, né... e na vida, mais fixo?

Fábio: É, depois dar aulas talvez. Advogar, passar num concurso e dar aula mais na Filosofia. Pergunta: Na Filosofia?

Fábio: Porque tem essa possibilidade. Fazer uma segunda graduação, mestrado em Filosofia. Posso dar tranquilamente aula sei lá, numa Católica da vida.

Pergunta: Enquanto advoga ou é concursado, como juiz por exemplo? Fábio: Exato, puxado né, mas considero.



FLACSO 2022

Pergunta: Por que tu queres isso?

Fábio: Assim, em possibilidades materiais o Direito é muito mais abrangente. Possibilidade de ser bem-sucedido financeiramente com certeza o Direito tem mais possibilidades. Apesar de ser um mercado bem saturado, sendo bom, bem estudioso, consegue passar num concurso e tem estabilidade de renda [...] A Filosofia é o campo de conhecimento que mais me interessa, que me sinto mais vivo estudando, “nossa como o mundo é interessante”, sabe?

Apesar da possibilidade de muitos ângulos para análise, é notável como há conexão da fala de Fábio com a de seus colegas em relação tanto ao entitlement de classe quanto em relação às estratégias calculadas para o sucesso individual. Bourdieu (2013) já ensinava que o privilégio é incorporado, ou seja, se manifesta na naturalidade, no desinteresse diante das barreiras sociais que os demais enfrentam. A possibilidade de efetivamente ocupar uma posição de magistratura é percebida como que reservada a alguém com o perfil de Fábio. Podemos considerar a distância com que ele fala de algo que ocorrerá em um futuro distante, possivelmente desconhecendo parte das dificuldades da empreitada, mas se trata de uma posição de sujeito distinta daquela da juventude de classe trabalhadora. O privilégio soa, no caso, quase que como um direito, aos moldes do que o conceito de entitlement nos apresenta.

Novamente, também, aparece a ideia de que os passos a serem dados são refletidos, aparentemente discutidos entre familiares e pessoas próximas, de modo a anunciar os esforços, as renúncias e a prioridade – como de costume, segurança para a classe média, ou, como diz Fábio, “estabilidade de renda”. A Filosofia, campo que verdadeiramente lhe agrada, fica em segundo plano: tal qual para Isa, para Fábio o gosto não era central. Pode até conciliar de alguma forma com o que realmente lhe dará as condições



FLACSO 2022

de vida, o Direito. Fábio, aliás, refere o Direito como um “mercado”, revelando como, na própria linguagem, vão se dando os constrangimentos para refletir sobre as possibilidades de futuro e articulando as questões cruciais da vida de classe média aos referenciais da Nova Direita.

Desta forma, portanto, Fábio, com Isa e Ique, ajudam a compor, nesta pesquisa, um cenário de como se configura o avanço conservador não apenas em termos macrossociais, mas no cotidiano prosaico da vida de sujeitos concretos de espaços educativos, interpelados pelo projeto hegemônico da educação contemporânea.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, ainda em andamento, propõe, metodologicamente, uma atenção ao que expressam os/as jovens a respeito de sua experiência educacional. Mais além, o estudo tem um recorte de classe, sensível à escolarização da classe média. Justificou-se este campo de estudo pela lacuna diante de tão primordial estrato social para o entendimento da reprodução social, problematizando-se as tantas assunções não-testadas a respeito da experiência educativa da classe média.

Como destaque preliminar da pesquisa conduzida, através de entrevistas, com jovens universitários advindos de escola privilegiada, cabe destacar uma contradição entre privilégio e angústia, incorporada em diversos níveis da experiência e da estratégia destes/as jovens.

Em primeiro lugar, o conceito de entitlement nos auxilia a mapear como privilégios da classe média são subsumidos como direitos garantidos. É o caso da brincadeira de Iza quanto a fazer Uber (pois é dado, para ela, que nunca precisará), quanto à certeza de todos de acesso e sucesso na universidade, e mesmo quanto aos recursos exigidos para um estudante



FLACSO 2022

universitário, como os materiais, espaços e tempos para leitura, estudos e realização de tarefas.

Em segundo lugar, porém, aprendemos com estes/as jovens que sua experiência não se restringe ao privilégio, tal qual a literatura relata em relação às elites (NOGUEIRA, 2013). Em uma posição como a de suas famílias, o relativo privilégio não está assegurado, precisando ser reforçado, reconquistado. Em tempos de crise, muitas vezes não se trata sequer de uma luta por promoção social, mas de evitar o declínio. Não à toa, as decisões dos/as estudantes são permeadas por inseguranças, medos e ânsia por autonomia e estabilidade. Argumentamos, ainda, que justo a partir de afetos como o medo e a insegurança que valores neoconservadores e neoliberais (como o individualismo, a competitividade, o medo do “outro”) se articulam aos anseios da classe média e se confirmam em suas práticas.

Este, portanto, é um paradoxo entre garantia e insegurança que, ao fim deste texto, estamos nomeando de “privilégio ansioso”, sintoma de uma experiência pouco documentada, mas com significativa regularidade social, quando dedicamos centralidade à classe média. Para concluir, lembramos da frase de Margareth Thatcher: “a economia é o método, o objetivo é o coração e a alma”. A Nova Direita tem encontrado sucesso em conectar seus discursos e princípios com os valores e práticas de grupos como a classe média, de modo que, não à toa, Souza (2018) argumenta que a classe média, no Brasil, se vê como elite. A política educacional, neste sentido, precisa ser pensada do ponto de vista econômico, distributivo, mas também do ponto de vista cultural, semântico e dos afetos.

É tempo de dedicarmos a devida atenção a um grupo tão significativo, o “fiel da balança” dos rumos políticos do país (SOUZA, 2018), como é a classe média, na educação. É tempo de ocupar as ansiedades e angústias com solidariedade e consciência de classe, significado social, utopia e



FLACSO 2022

esperança. Em nome de uma educação e um futuro melhor para o povo e para uma classe social que é mais trabalhadora do que gosta de lembrar.

Referências bibliográficas

APPLE, Michael W. A Educação pode mudar a sociedade? Petrópolis: Vozes, 2017.

APPLE, Michael W. Política cultural e Educação. São Paulo: Cortez, 2000.

BALL, Stephen J. Class strategies and the education market: the middle classes and social advantage. London: Routledge Falmer, 2003.

GANDIN, Luís Armando; HYPOLITO, Álvaro Moreira. reestruturação educacional como construção social contraditória. In: HYPOLITO, Álvaro Moreira; GANDIN, Luís Armando. Educação em tempos de incertezas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 59-92.

EDER, Klaus. A classe social tem importância no estudo dos movimentos sociais? Uma teoria do radicalismo de classe média. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 16, n. 46, p.5-27, jun. 2001.

GIMENO Sacristán, José. O aluno como invenção. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

LADSON-BILLINGS, G. A raça ainda é importante: a teoria racial crítica na educação. In: APPLE, Michel; AU, Wayne; GANDIN, Luís Armando (org.) Educação crítica: análise internacional. Porto Alegre: Artmed, 2011. p.129-142

LEONARDO, Zeus. Paleontologia/pálida ontologia: o status da branquidade na educação. In. APPLE, Michael W.; AU, Wayne;



FLACSO 2022

- GANDIN, Luís Armando (org.). Educação crítica: análise internacional, Porto Alegre: Artmed. 2011, p. 144-158.
- LIMA, Iana Gomes de; HYPOLITO, Álvaro Moreira. A expansão do neoconservadorismo na educação brasileira. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 45, e190901, 2019.
- MITRULIS, Eleny. Educação e currículo: promessas e contribuições da nova Sociologia da Educação. Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, v. 9, n.1/ 2, p. 93-106, 1983.
- NOGUEIRA, Maria Alice. Um tema revisitado: as classes médias e a escola. In: APPLE, Michael W.; BALL, Stephen J.; GANDIN, Luís Armando (org.). Sociologia da Educação: análise internacional. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 280-290.
- SALATA, André Ricardo. A classe média brasileira: posição social e identidade de classe. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.
- SAVAGE, Mike. Espaço, redes e formação de classe. Revista Mundos do Trabalho, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 6-33, 2011.
- SKEGGS, Beverley. Formations of class and gender. London: Sage, 2002.
- SOUZA, Jessé. A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018
- SPOSITO, Marília P. Interfaces entre a Sociologia da Educação e os estudos sobre a juventude no Brasil. In: APPLE, Michael W.; BALL, Stephen J.; GANDIN, Luís Armando (org.). Sociologia da Educação: análise internacional. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 438-446.

¹ No parlamento brasileiro há grupos de deputados que se articulam como grupos de interesses comuns, tais como os grupos que defendem os interesses do agronegócio, grupos que defendem a liberação do porte de armas e grupos de religiosos evangélicos que defendem interesses conservadores, conhecidos, respectivamente, como Bancada do Boi, Bancada da Bala e Bancada da Bíblia.

² Tradução nossa